

Os muitos saberes do Jornalismo

PONTE, Cristina

Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico
Florianópolis: Editora Insular/PosJor - UFSC, 2005. 248p.

Por Gislene Silva

O que, em seu início, se construía como base bibliográfica para uma investigação de doutoramento sobre a cobertura jornalística da infância pela imprensa portuguesa¹, se consolidou, nas mãos de Cristina Ponte, num mapeamento dos território teóricos por onde transita o jornalismo e sobre os quais se consolida a especificidade de sua natureza. Publicado ano passado em Portugal², seu livro tem agora edição brasileira, que reproduz integralmente o texto original, tendo apenas pequena alteração no título. Em *Para entender as notícias; linhas de análise do discurso jornalístico*, Ponte percorre, com desenvoltura de boa viajante, os cruzamentos e as fronteiras desse território de estudo, se sustentando em recursos teóricos e metodológicos para ajudar a compreender a trajetória do jornalismo, em aspectos de sua prática cotidiana e também em sua expressão como atividade social e cultural.

O desafio a que se propõe a autora é fazer uma leitura dos dis-

ursos das notícias a partir de três *viragens científicas*: linguística, cultural e sociológica. Pela *viragem linguística* encontram-se as passagens do texto para o discurso, da linguagem para o social, do enunciado para a enunciação, e as suas condições de produção e recepção. As investigações resultantes da *viragem sociológica*, por sua vez, ultrapassam antinomias clássicas da sociologia (social/individual; idealismo/materialismo; sujeito/mundo; objetivo/subjetivo; real/aparente) e encaram as realidades sociais como construções históricas e cotidianas que, de modo dinâmico e interativo, envolvem atores individuais e coletivos. E, por fim, a *viragem cultural* sublinha a atenção a como a mídia opera em processos de identificação e de projeção, de pertença social e de legitimação política.

Ao fixar sua proposta de leitura do jornalismo nessas *três viragens científicas*, Ponte pretende uma dimensão relacional, com especial cuidado em procurar entender o jorna-

¹PONTE, Cristina. *Crianças em notícia; a construção da infância pelo discurso jornalístico*. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais: 2005.

²PONTE, Cristina. *Leituras das notícias; contributos para uma análise do discurso jornalístico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. 143 p.

lismo como uma forma de imaginação humana, partilhada por quem escreve e por quem lê, na qual a realidade é apreendida de modo esteticamente estimulante e com referências para a ação cotidiana e a expressão de sentimentos.

Nessa ambiência de pensar as notícias sem reduzi-las a uma especialidade técnica ou prática, a autora entrelaça o jornalismo com literatura, sociologia, filosofia, história e antropologia, em relações dialógicas que, a partir de grandes aberturas, possibilitam voltar os olhos para a percepção das especificidades do campo das notícias. O livro é, então, organizado em três capítulos, com a autora investigando primeiramente a relação do jornalismo com a literatura, depois com a produção de conhecimento e, ao final, analisando as implicações do circuito da noticiabilidade. De modo muito pedagógico, Ponte elabora um minucioso inventário, com calma para pausas explicativas e críticas em meio aos incontáveis marcos teóricos encontrados nessa caminhada investigativa.

No primeiro capítulo, a pesquisadora se debruça sobre o jornalismo como gênero de discurso. Começa pela contribuição de M. Bakhtin, por seu estímulo à caracterização de processos de produção, de circulação e de reprodução de discursos sociais. Destaca, como rara, uma referência de Bakhtin ao jornalismo, quando o autor o localiza como uma entre várias enunciações de autoridade. A centralidade do capítulo, no entanto, está no cruzamento entre jornalismo e literatura, no entendimento das notícias como expressão literária, incluindo a variação de gêneros.

“Nessa ambiência de pensar as notícias sem reduzi-las a uma especialidade técnica ou prática, a autora entrelaça o jornalismo com literatura, sociologia, filosofia, história e antropologia”

A autora organiza interessante contraponto entre a relação do jornalismo com o realismo e a relação do jornalismo com o melodrama. Na primeira vertente, lembra que o modelo anglo-americano institucionalizou um conjunto de regras de escrita sustentadas pela reivindicação da objetividade e interiorizadas pelos jornalistas como cultura profissional. Da relação do discurso jornalístico com o realismo surgem duas derivações: a do jornalismo investigativo, orientado pelo espírito de denúncia contra a corrupção pública e pela busca da revelação de uma realidade sócio-política não facilmente visível; e a do Novo Jornalismo, que apostava na apurada capacidade de um tipo de jornalismo em fazer a leitura do mundo e apreender a realidade pelas dimensões estéticas e emotivas, e igualmente imbuído de ideais de justiça.

A relação do jornalismo com o melodrama vem justamente mostrar o outro lado, as *outras* notícias, a compreensão delas como modo de expressão popular, articulado sobre a sentimentalidade dos assuntos de interesse humano. Aqui a autora dá ênfase à marginalidade em que foram colocadas as notícias de interesse humano e os registros de *fait-divers*. Critica as pesquisas que identificam tais notícias como ocorrências da vida comum mas apenas no âmbito privado, não problematizadas do ponto de vista social, e valoriza os estudos que aprofundam a natureza ideológica e a expressão mítica das histórias de interesse humano ou que apontam a falsa dicotomia entre a cobertura de assuntos públicos (politicamente significativos) e de “entretenimento”.

Ao refletir sobre o lugar do jornalismo na construção e circulação de conhecimento, tema do segundo capítulo, Ponte passa a observar a produção teórica que pensa as notícias como intervenção e compromisso social, como resultantes de uma cultura profissional e dos valores de uma comunidade interpretativa, e como constituídas e constituintes de imaginários.

Nessa etapa da tarefa revisional, tem destaque os que pensam o jornalismo na complexidade dos usos que as pessoas fazem das notícias na experiência vivida. Como pioneiros, surgem Gabriel Tarde, refletindo já em 1901 sobre as transformações política, social e cultural decorrentes das novas formas de comunicação, como imprensa e telégrafo, e Robert Park, representante da Escola de Chicago, analisando os jornais como mobilizadores do interesse e da afetividade do leitor. Adiante, em seu elenco, Ponte toma Berger e Luckmann em sua abordagem sobre o acervo social de conhecimento e situa o jornalismo como lugar de seleção e de construção desse acervo, entre o que é dito e que é silenciado, e considera a linguagem da mídia como integrante da institucionalização da sociedade como realidade objetiva.

A autora inclui ainda nesse modo de ver o jornalismo os estudos sobre enquadramentos, destacando E. Goffman, sobre o jornalismo como conhecimento singular, registrando a contribuição de P. Charau-deau, E. Meditsch e Adeldo Genro Filho, e ainda as pesquisas sobre a relação do jornalismo com os estudos de cognição, ressaltando os trabalhos de van Dijk. Tem destaque especial a investigadora

“Nessa etapa da tarefa revisional, tem destaque os que pensam o jornalismo na complexidade dos usos que as pessoas fazem das notícias na experiência vivida.”

B. Zelizer, discutindo os conceitos de performance, ritual e narrativa e propondo pensar os jornalistas como comunidades interpretativas. Antes de terminar essa parte, Ponte reflete sobre os estudos do jornalismo como conhecimento político e como comunidade de imaginários, sugerindo caracterizar os jornalistas como comunidade que partilha não só uma cultura de interpretação e de intervenção mas também de um imaginário de representações.

Ao prosseguir em seu inventário, no terceiro e último capítulo, Ponte se detém nos trabalhos que sucederam as perspectivas da *Mass Communication Research* e da *Teoria Crítica* para pensar o circuito da noticiabilidade. São percorridas aqui, com mais vagar, as investigações que se dedicaram ao ente-dimento dos valores-notícia na produção das notícias, em especial o contributo de Galtung e Ruge.

Ao término de tão longo percurso, observa-se que a estrutura do livro reflete os clássicos eixos pelos quais tradicionalmente são pensados os processos comunicativos, e de certa forma está sendo construído o campo investigativo do jornalismo. São os eixos do discurso/mensagem (capítulo 1), da produção/emissão (capítulo 3) e da recepção/receptores-efeitos-conhecimento (capítulo 2). Talvez o terceiro eixo, o mundo da recepção jornalística, venha a merecer mais atenção em estudos futuros para a consolidação das bases teóricas do jornalismo, de modo que se possa compreender melhor a dinâmica entre essas instâncias fundadoras, mas agora a partir de um deslocamento do olhar, desde o receptor

e as mediações culturais, como já sugeriu Jesus Martin-Barbero.

Sobre a autora

Gislene Silva é professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),

a pesquisadora defendeu em 2000 a tese “O imaginário rural do leitor urbano: o sonho mítico da casa no campo”, no programa de doutoramento em Antropologia da PUC de São Paulo. Como jornalista, trabalhou por onze anos na Revista Globo Rural / Editora Globo, em São Paulo.